

XXIX CONGRESSO ALAS  
SANTIAGO DO CHILE 2013

## **JOSUÉ DE CASTRO: UM PERSONAGEM NA TEIA SOCIAL**

(RESULTADO FINALIZADO: DISSERTAÇÃO DE MESTRADO)  
GRUPO DE TRABALHO 17: PENSAMENTO LATINOAMERICANO E TEORIA SOCIAL  
MERCÊS DE FÁTIMA DOS SANTOS SILVA

### **RESUMO:**

Este artigo propõe uma reflexão sobre o “projeto de ser do mundo” de um personagem, Josué de Castro. Entendendo-se como seu “projeto de ser no mundo” a tradução de sua militância de combate à fome num manifesto científico-propositivo. Assim, a presente análise, somada as questões do pensamento e ação de Josué e os usos adotados para o método biográfico, traz à tona a discussão da categoria do “indivíduo na teia social”. Para tanto, compartilhamos com os autores como C. Wright Mills, Mannheim e Norbert Elias – para citar os que nortearam esta análise –, que valorizam a importância da sociedade no desenvolvimento das trajetórias individuais, simultaneamente, identificando o espaço de atuação em que estes, através de suas decisões produzem mudança social.

**Palavras-chave:** Josué de Castro, Pensamento e Ação.

### **1. INTRODUÇÃO**

(...) Somos todos personagens e só personagens, vivendo na ilusão da aparência desta cena que representamos de um drama que desconhecemos a trama em sua essência e muito menos o desfecho de cada um de seus atos (Castro, 1955, p. 12)

Os indivíduos constroem socialmente a trama que é a vida, palco de diversos personagens. A cada ato exercido no mundo, os indivíduos encenam papéis ora como personagens centrais, ora como personagens coadjuvantes. Para tanto, contam com os seus interlocutores, com o meio social e natural, com espaço e o tempo, com o contexto social que os circundam. São emaranhados de eventos socioculturais e históricos que compõem o cenário.

Mesmo que, como assinala Josué de Castro no trecho acima, os personagens aparentemente não tenham autoconsciência e autocontrole dos resultados das suas ações na estrutura social, esta é condicionada e condiciona as ações dos sujeitos. Este movimento mútuo influencia diretamente na mudança e na organização social. Isto porque, tais processos sociais se ligam ao cotidiano em que os indivíduos fazem escolhas e decisões, tomam iniciativas que acabam tendo consequências nas instituições sociais que compõem a estrutura.

Para Gilberto Velho (2006), ancorado nas ideias de Mills, esta complexidade individual está associada à complexidade da sociedade contemporânea, na qual os indivíduos transitam entre as mais diversas perspectivas socioculturais; frequentam múltiplos níveis de realidade e elaboram ações sociais em situações e contextos diferenciados. Não apenas participam da construção dessa realidade multifacetada, mas vivem suas próprias subjetividades, contradições e conflitos no mundo.

A preocupação do lugar do indivíduo no processo de mudança social refere-se à relação entre agência e estrutura, questão famosa nas ciências sociais, que tende a relacionar os seus estudos com ênfase na estrutura social como motivadora da ação ou na motivação do agente como explicação da ação. Tais questões são recorrentes entre os cientistas sociais, que geralmente são classificados de acordo com a ênfase que dão à referida relação entre indivíduos e sociedade.

Compartilho com os autores que analisaram essa questão com base no condicionamento e na influência mútua dos agentes e da estrutura social. Pensadores como C. Wright Mills, Karl Mannheim e Norbert Elias, que valorizam a importância da sociedade no desenvolvimento das trajetórias individuais, procurando, simultaneamente, identificar o espaço de atuação possível em que os indivíduos, através de suas decisões e desempenhos, também produzem efeitos e transformações na organização social.

Assim, acredito que a investigação do projeto individual de Josué de Castro é uma tentativa de perceber como e até que ponto este personagem pode se organizar para desenvolver condutas específicas para atingir seus objetivos, que aqui neste estudo identifiquei como um dos seus projetos de ser no mundo: a tradução de sua obra científica num manifesto de combate a fome.

Como assinala Velho (2006), trata-se de uma tentativa de captar os significados e procedimentos dessas ações diante de forças históricas e sociais invisíveis das quais, nem sempre como agente individual, Josué de Castro foi consciente ou teve uma percepção mais elaborada de suas ações, justamente por ser um personagem inserido na teia social.

## 2. JOSUÉ: UM PERSONAGEM NA TEIA SOCIAL

O personagem, Josué entra no palco da vida em cinco de setembro de 1908, em Recife. Neste período, o Nordeste brasileiro passa por grandes crises socioeconômicas devido às trágicas secas que assolaram o Sertão no final século XIX, e a crise do ciclo da cana-de-açúcar na Zona da Mata. Filhos de dois representantes destas regiões: pai retirante da seca e mãe filha de senhores de engenhos decadentes, Josué de Castro pode desde cedo confrontar as realidades socioculturais do seu tempo.

Estes dois personagens centrais na vida de Josué, se retiram destas regiões para tentar a vida na crescente Recife, urbana e em processo de industrialização. Foi com os retirantes do Sertão e da Zona da Mata que habitaram a Veneza Americana, Recife, que Josué cresceu e viu crescer as mocambópolis<sup>1</sup> com seus habitantes anfíbios vivendo como caranguejos e alimentando-se dos caranguejos.

Segundo Andrade (1997), no início do século XX, Recife acabava por se tornar o centro administrativo do estado e centro comercial de grande expressão no Nordeste, dada a localização geográfica de seu porto que atendia parcela significativa da região. Como capital de um estado que se destacava como produtor de açúcar e de algodão, mas que entrou em decadência, sendo substituídas pelas atividades econômicas das indústrias açucareiras e têxteis. Estas últimas, advindas com o processo de urbanização, atraíram os brejeiros e os sertanejos que gostariam de participar do “banquete da terra e se sentarem à mesa”.

Entretanto, como se sabe, Recife, ilha flutuante entre os braços dos rios Capibaribe e Beberibe, surgiu da lama natural dos mangues. Culturalmente, com este processo urbano industrial, e como proposta de modernidade, a cidade tenta apagar esta natureza, aterrando os manguezais e construindo sobre eles uma cidade “moderna”. Todavia, como a natureza do mangue teimava em ressurgir, iam-se colocando para dentro dela aquelas paisagens de seres humanos também negados pela cultura urbana (Filho, 2003).

Assim, o Recife ia crescendo com uma grande população marginal que vegetava nos seus mocambos, em habitações miseráveis, formando as “sociedades dos mangues”, paralela à “sociedades dos homens”. Foi por meio desta sociedade dos mangues que Josué travou seu conhecimento sobre a fome e o ciclo do caranguejo. Esse ciclo seria uma analogia ao ciclo da fome, um ciclo vicioso que leva à obstrução da dignidade humana dos homens-caranguejos – homens que viviam como caranguejo e sentiam-se como caranguejo (Castro, 2001).

---

<sup>1</sup>É um termo utilizado por Josué de Castro para caracterizar a zona dos mangues, formadas por mocambos habitados pelos homens-caranguejos - os operários, os sem profissão, os inadaptados, os famintos (CASTRO, 1957).

O estudo sobre a sociedade dos mangues tornou Josué de Castro um estudioso obcecado pela temática da fome. Embora que, mesmo com esta tentativa de elaboração consciente de ser um militante do combate à fome, Josué não deixava de se inquietar sobre o quanto sua vida lhe fugia das mãos, revelando que a escolha de um sujeito não é determinada pelo seu desejo, mas é também uma escolha a partir das possibilidades que se lhes apresentam. No seu diário, iniciado em 1957, nos relata:

[...] São estes os objetivos desse diário, sem maiores pretensões que as de um caderno de estudo. De estudo de alguém que tem ilusão de poder ser autenticamente um escritor, mas que foi desviado de seu roteiro pelos obstáculos e acasos da vida, mas vou tentar reagir e voltar a encontrar-me naquele ponto em que (me desviei, me perdi) nos labirintos da vida<sup>2</sup>.

Josué queria ser escritor, entretanto, os labirintos que levaram a Josué a conhecer a sociedade dos mangues continuaram a mostrar-lhe as paisagens do Recife, e isto é o mais fascinante em sua trajetória. “O menino do mangue estava vivo em todas as etapas de sua vida, puxava-lhe o casaco, mostrava os fatos da memória, passava-lhe à frente, aguçava-o por todos os modos até encostá-lo na parede” (Pernambucano, 1983, p. 209).

Morreu no exílio em Paris, em 24 de setembro de 1973, ao despedir-se do amigo Gilberto Costa Carvalho disse-lhe: “não se morre só de nefrite, de doenças dos vasos ou do aparelho digestivo, morre-se também de saudade, de saudade da terra onde a gente nasceu”<sup>3</sup>.

Voltaria ao Brasil já falecido, sendo sepultado no Rio de Janeiro, no cemitério São João Batista, após o inflamado discurso de Barbosa Lima Sobrinho. No Brasil, seu falecimento foi mencionado por alguns jornais da época, em notas minúsculas. No Recife, os jornais silenciaram. No mundo, foi comentado pelos principais jornais da época.

Josué viveu em eternos duelos: entre o pai e a mãe, entre o anjo e o demônio, entre o Josué e o Josué de Castro, entre o Recife e o Rio de Janeiro, o Brasil e o mundo, o cientista e o político, entre o escritor e o militante, entre o médico e o sociólogo. Não seria de se espantar que este personagem, que tomou para si a missão de acabar com a fome no mundo e com todos seus duelos, não tivesse seu espírito atormentado por crises periódicas de depressão que o deixavam triste e amedrontado<sup>4</sup>.

## 2.1. ENTRE DOIS MUNDOS

Josué nasceu próximo aos mangues do Rio Capibaribe, na casa de n.1, na Rua Joaquim Nabuco, onde hoje está situado o Hospital da Restauração, e cresceu na casa em que o pai se mudara, no bairro da Madalena, ainda mais próximo ao mangue, numa velha casa colonial fincada à beira do rio.

O pai de Josué, Manoel de Castro, conhecido como Neco, era branco descendente de portugueses que haviam fundado a cidade de Cabeceiras, no Sertão Paraibano. Não era rico, mas tinha uma condição de vida estável que permitia custear os estudos do filho. Um homem modesto de poucas letras, proprietário de pequenas terras.

A mãe, Josepha, conhecida como D. Moça, mulata, era filha de criação de uma família de engenho da Zona da Mata Pernambucana, a aristocrata família Carneiro da Cunha. Ao contrário do pai, a mãe era culta e estudada. Quatro anos após o nascimento do filho, D. Moça foi abandonada pelo marido, acusada de infidelidade. Segundo depoimentos recolhidos pela pesquisadora Tânia Silva (1998), a infidelidade foi uma invenção do marido de D. Moça.

<sup>2</sup> Diário 04 de janeiro de 1957. Diário analisado por Tânia Elias Magno da Silva, 1998, p.88-89.

<sup>3</sup> Fala de Gilberto Costa Carvalho no Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro realizado pela Academia Pernambucana de Medicina em 1983

<sup>4</sup> Relatos revelados por seu amigo Otavio Pernambuco.

Com a separação, D. Moça viveu muitas privações e até fome. Passou a morar com Josué num casebre, no Bairro da Madalena, próximo aos mocambos do mangue. Seu único rendimento foi como professora particular dos filhos de operários que moravam na zona do mangue, que nada ou quase nada podiam pagar (Silva, 1998).

Assim, dos quatro aos oito anos Josué morou com a mãe, com quem aprendeu as primeiras letras. Dos oito aos quatorze anos, vai morar com o pai para continuar os estudos.

Segundo Silva (1998), com a separação dos pais, Josué inicia a trama de viver dividido entre dois mundos: o da fartura, tendo com o pai a mesa farta; e o da miséria, do abandono, ao lado da mãe. Duas saídas foram criadas por Josué para esta trama. A primeira — foi procurar nos meninos pobres da rua, moradores da zona de mocambos, e acostumados com tal estrutura familiar, fugindo das curiosidades dos colegas e de suas famílias sobre a separação dos pais.

A segunda saída foi silenciar. Não há muitos relatos escritos por Josué sobre D. Moça e seu Neco, nem sobre a relação com ambos. Tudo que se sabe sobre este relacionamento é o testemunho do amigo do colegial, Octávio Pernambucano, que presenciou um pouco mais de perto a vida familiar do amigo. Nem mesmo a família formada por Josué tem relato (Silva, 1998).

Nos anos de colegial, como ele mesmo ressalta, personificou a figura do anjo e do demônio. Após ter passado por uma escola pública, foi matriculado no Colégio Francês Chateaubriand, no qual estudou por três anos e personificou o menino rebelde, o demônio. Depois, fez os preparatórios em dois colégios tradicionais do Recife, no Instituto Carneiro Leão e no Ginásio Pernambucano. Foi no Instituto que Josué encontrou o interlocutor que o influenciou na busca do conhecimento, no mundo das letras, das leituras – o educador Pedro Augusto Carneiro Leão, incorporando a figura do anjo.

Seus pais, sobretudo, D. Moça, queriam vê-lo Médico. Dessa forma, em 1922, ingressa precocemente na Faculdade de Medicina na Bahia, aos 15 anos. Para tanto, os pais falsificaram os seus documentos para tornar isto possível.

Na Bahia, morou na casa de estudante, casa que foi de Nina Rodrigues. Josué dividiu quarto com Arthur Ramos, e outros três interlocutores que influenciaram sua formação. Sob a influência de Ramos escreveu artigos e contos que retratavam as discussões da época, escritos inicialmente sobre Psiquiatria e, posteriormente, sobre a valorização do nacional e da miscigenação.

Com o seu desânimo pela academia baiana e a efervescência cultural no Sudeste (devido impacto da Semana de Arte Moderna) transfere-se para a Faculdade do Rio de Janeiro, onde encontrou um lar que tanto sonhava, um velho casal baiano que morava com uma filha. Esta filha do casal, passou a ser sua irmã, companheira e amiga, que lhe prestava assistência e socorro nas suas crises de depressão (Pernambucano, 1983).

Segundo Octavio Pernambucano, a idade de seu Neco avançava, e este não dava mais conta dos seus negócios, o dinheiro havia estreitado de maneira que pouco poderia ajudar o filho, e este pouco poderia ajudar a mãe. Josué, para garantir-lhe o sustento, passa a ter uma vida atribulada – estudava, mantinha suas leituras literárias, preparava resumos de estudos para os colegas de melhores condições financeiras, escrevia para revistas e jornais sobre assuntos diversos, sobretudo sobre cinema, uma das suas mais leves paixões<sup>5</sup>.

Além disso, frequentava as Embaixadas latino-americanas, aproximando-se da embaixada mexicana. Essa proximidade lhe rendeu o título de Presidente do Centro Universitário Latino Americano, possibilitando organizar uma viagem com estudantes ao México para assistir a posse do presidente Pascual Ortiz Rubio. A data da viagem coincidiu com o dia da Formatura, em 28 de dezembro de 1929, o que lhe impediu de estar presente na cerimônia<sup>6</sup>. Após despedir-se dos colegas

---

<sup>5</sup> Ver Silva (1998).

<sup>6</sup> Ver Schappo (2008).

universitários que estavam na caravana, Josué segue para os EUA, onde estagiou por quatro meses, na Universidade de Columbia e no Medical Center de Nova Iorque.

Cabe assinalar que, em meio a estas agitações e próximo a viagem, Josué havia adoecido. Era a depressão. Durante as crises ficava apavorado, tremia muito, com medo de tudo e de nada. Esta depressão o atormentou durante sua vida e era mais latente quando o menino do mangue puxava-lhe o casaco.

## 2.2. ENTRE O RECIFE E O RIO DE JANEIRO

Durante as férias estudantis, tanto na Bahia quanto no Rio de Janeiro, voltava ao Recife para visitar seus pais e amigos, mas, sobretudo o mangue. De todas as suas vindas ao Recife nunca deixou de visitar os amigos da “sociedade dos mangues” (Pernambucano, 1983).

Ao retornar dos EUA, em 1930, se estabelece no Recife onde passa a dedicar-se à área de Fisiologia, iniciando os primeiros tratamentos endocrinológicos no Nordeste. Com dinheiro emprestado monta uma clínica especializada em problemas de nutrição, a primeira do Norte e Nordeste, e retira D. Moça da miséria, mudando-se com a mãe para o Bairro do Capunga, ignorando o pai.

Seu consultório possuía aparelhos e equipamentos adequados para clinicar pacientes com os principais problemas endocrinológicos da época, a obesidade das mulheres ricas. Desse modo, rapidamente obteve sucesso financeiro, emagrecendo mulheres da sociedade recifense, tornando-se o médico famoso.

Cabe assinalar que, no período em que retorna ao Brasil, estava ocorrendo a agitada Revolução de 1930. Entretanto, nesse momento, Josué de Castro não estava ligado diretamente aos movimentos políticos, mas, lhe fora prometido, depois de formado, um cargo na Secretária de Educação juntamente com outros intelectuais ilustres, como Gilberto Freyre. Todavia, ao voltar para Recife o ambiente político não fora apropriado para requerer o cargo, por isso, comprou do amigo Uchôa Cintra um aparelho de metabolismo e abriu a clínica de nutrição.

Em 1932, paralelamente ao consultório, ministrou aulas na Faculdade de Medicina do Recife, recém fundada por Otávio de Freitas. A entrada de Josué nesta Faculdade ocorreu com a tese defendida no concurso para Livre-Docente intitulada “O problema fisiológico da alimentação no Brasil”.

Os anos 1930 foram de intensa atividade intelectual, pesquisa de campo e consultas. Contratado para examinar os operários que estavam aparentemente doente, numa fábrica em Recife, Josué chegou à conclusão de que o salário dos trabalhadores era insuficiente para manter uma rotina de operário. Com essa análise, foi convidado pelo Departamento de Saúde Pública de Pernambuco para chefiar um inquérito sobre as condições de vida dos operários no Recife, aprofundando ainda mais a hipótese apresentada<sup>7</sup>.

As constatações de suas pesquisas, somadas às suas críticas à elite intelectual recifense, que ele acusava de inculta por desconhecem a realidade de miséria e de opressão na sociedade nordestina, representou para Josué o ressurgimento do menino rebelde que Pedro Augusto Carneiro Leão havia adormecido. Este ressurgimento dava-se contra a elite intelectual recifense, e aproximava-o dos escritos da chamada geração de 30, caracterizada pelos romances do realismo social nordestino que retratavam o Brasil real, formado pela discrepância entre o mundo rural e urbano e as desigualdades sociais e regionais da população brasileira.

Este clima de disputa intelectual e a rebeldia deram um tom de desânimo em Josué em relação à cidade do Recife. Ainda que estivesse financeiramente estabilizado – dada a prosperidade do

---

<sup>7</sup> Os estudos sobre a condição de vida da classe operária nas cidades do Recife e no Rio de Janeiro, foram utilizadas como referência por Agamenon Magalhães, Ministro do Trabalho, para a determinação da lei que instituiu o salário mínimo, em 1938.

consultório, as aulas na Faculdade de Medicina e na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife<sup>8</sup>.

Na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais conheceu sua esposa e companheira para o resto da vida, Glauce do Rego Pinto, quase miss Pernambuco. Novamente é atingido pela depressão, ocasionada não somente, mas também pelos intelectuais do Recife, decidiu voltar ao Rio de Janeiro, em 1934. Em meio esta instabilidade econômica, volta para o Rio com D. Moça e Glauce, com quem se casa apenas no civil<sup>9</sup>.

No Rio de Janeiro recebeu a notícia da morte do pai, a quem não conseguiu despedir, ao chegar à antiga casa colonial, seu pai já estava enterrado e a esposa de seu Neco já tinha tratado da herança, nada deixando a Josué. Por estes tempos, segundo Silva (1998), foi mais literato que médico. Forma encontrada para “ganhar dinheiro”. Colaborava em diversos jornais e revistas do Rio de Janeiro e de Recife (“Diário Carioca”, “A Nação”, “A Manhã”, “Revista Carioca”, “Revista para Todos de Pernambuco”). (PERNAMBUCANO, 1983).

No final de 1935 recebe o convite de Roquette Pinto para lecionar a cadeira de Antropologia Física na Universidade do Distrito Federal. Universidade organizada pelo educador Anísio Teixeira. Além de Josué de Castro, foram mobilizados outros cientistas como Afonso Arinos, Luis Freire e Gilberto Freyre.

Dada a agitação política, Getúlio Vargas dissolveu a Universidade do Distrito Federal e criou a Universidade do Brasil, em 1937, onde Josué de Castro ocupou interinamente a cátedra de Geografia Humana, na qual se efetiva em 1947, com a tese “A Cidade de Recife, Ensaios de Geografia Urbana” (Andradre, 1997).

A indicação de Josué de Castro para a Universidade foi dada por Getulio Vargas, de quem era médico particular e amigo de toda família. Como sugere Silva (1998), a aproximação com a família Vargas trouxe muitas oportunidades, mas também, muitos inimigos políticos. Esta ligação fez com que alguns membros da Universidade o associassem ao governo fascista.

Entretanto, neste período Josué não tinha militância política bem definida, aproximando-se dos grupos de esquerda como Aliança Nacional Libertadora, sob a liderança de Carlos Prestes. Porém, apesar de participar e ter seus artigos publicados em jornais à ela ligados, não se filiou a esta corrente, não sendo vítima de perseguição por parte do governo. Em 1939, o Governo Federal encarrega-o de elaborar o plano para a fundação do Serviço Central de Alimentação, transformado no Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), onde permanece até 1941 (Andrade, 1997).

Além da atuação no SAPS, criou os Arquivos Brasileiros de Nutrição, em 1944, primeira revista científica de Nutrição. Neste mesmo ano, implantou o Instituto de Tecnologia Alimentar (ITA), no qual foi diretor e assinou a portaria que obrigava a iodetação do sal no país. Fundou também a ABN, Associação Brasileira de Nutricionistas, em 1949, idealizada com o objetivo de defender os interesses dos profissionais da Nutrição, bem como desenvolver estudos de campo (Melo, Wanderley, 2007).

Ao final dos anos de 1940, podia-se dizer que a Nutrição está institucionalizada como campo de saber, o bastante para consagrar Josué de Castro no Rio de Janeiro, como professor, cientista, médico e pesquisador. Mas, Josué de Castro queria mesmo ser reconhecido no Recife, como assinala Silva (1998). Ele sempre manifestou amor pela cidade natal, onde formou sua mentalidade.

---

<sup>8</sup> Josué foi um dos fundadores da faculdade, lecionou a disciplina Geografia Humana. Idealizada junto a um grupo de intelectuais pernambucanos liderados pelo Professor Aníbal Bruno. Sendo inaugurada em 22 de setembro de 1933, em solenidade no Salão da Faculdade de Direito do Recife.

<sup>9</sup> Josué dispensou a cerimônia religiosa e o batismo dos filhos: Josué Fernando de Castro, economista; Anna Maria de Castro, socióloga; e Sônia de Castro Durval, geógrafa.

### 2.3. ENTRE O MÉDICO E O SOCIÓLOGO, A REVELAÇÃO DO POLÍTICO

[...] A minha vocação era o social. Os que dizem que nunca peguei numa provete não estão mentindo. Quando quis saber o conteúdo da macambira e do xiquexique foi porque meu pai desceu o sertão comendo farinha de macambira, e eu queria saber por que motivo o “sertanejo é, antes de tudo, um forte”, se tantas vezes se alimentava daquilo<sup>10</sup>.

Como bem assinalou acima, a sua vocação não era a Medicina, mas as Ciências Sociais. Isto pode ser analisado em seus estudos. Sua medicina estaria mais próxima dos problemas sociais do que dos estudos fisiológicos e patológicos. Mesmo quando escrevia sob estes enfoques o social apresentava-se como elemento chave para sua interpretação. Por isso, talvez, fosse pouco compreendido pelos seus contemporâneos, sendo acusado de não científico, ensaístico, literário, não correspondendo as normas convencionais acadêmica.

O fato é que em seus escritos, sobretudo, a partir dos anos de 1930, os assuntos estão envoltos nos problemas sociais da época. Entre eles destaco: “O problema fisiológico da alimentação no Brasil” (1932), “As Condições de vida das Classes Operárias do Recife” (1932), “O problema da alimentação no Brasil” (1934), “Alimentação e Raça” (1935), “Documentário do Nordeste” (1937), “Alimentação brasileira à luz da geografia humana” (1937), “Fisiologia dos tabus” (1938) e “Geografia humana” (1939).

Todas essas obras constituem o processo em que ele lapidou seu conhecimento sociológico sobre a fome, culminando com sua obra magna *Geografia da Fome* – um manifesto político-científico, o primeiro Plano de Segurança Alimentar do Brasil. Neste livro, abordou a complexidade da problemática da fome e alertou sobre a importância do engajamento dos intelectuais e políticos para combater e erradicar esse flagelo.

As inclinações e a preocupação social presentes nesta obra conduziram à atividade política profissional. A atuação em órgãos governamentais, o contato com as forças políticas e, especialmente, a proximidade com Getúlio Vargas e o PTB seriam outros componentes que favoreceriam essa imersão. Em 1950, ligado a Getúlio Vargas, lança-se candidato a Deputado Federal pelo PTB e integra a Coligação Democrática da UDN, mas não foi eleito.

Em 1951, continua sua atividade de pesquisa e escreve *Geopolítica da fome*, denunciando os bolsões de misérias existentes em vários países, apontando que os maiores responsáveis pela fome no mundo são os países colonizadores e imperialistas. Mesmo com críticas à política imperialista, recebeu o Prêmio Roosevelt da Academia de Ciência Política dos EUA, em 1952. No mesmo ano, é eleito presidente do Conselho Executivo da FAO, cargo em que permanece até o final de 1956. Este cargo veio como uma vitória que lhe deu novo ânimo, depois de ter ficado cansado e deprimido com a publicação do livro *Geopolítica da fome* e com a derrota nas eleições de 1950. A disputa para presidência da FAO ocorreu entre ele e Lord Bruce da Inglaterra, do qual venceu com 34 votos contra 30<sup>11</sup>.

Na FAO (1952 a 1956), empreende várias frentes de luta contra a fome nos países subdesenvolvidos, dentre elas: a defesa da reforma agrária. Sempre colocando o interesse dos países pobres como prioritários, reivindicando verbas para que a FAO cumprisse suas ações com a população mais faminta. Entretanto, percebeu que os países desenvolvidos que estavam à frente deste órgão não tratavam com devida atenção os problemas de segurança alimentar dos países subdesenvolvidos. Assim, deixou o cargo sem tentar uma reeleição (SILVA, 1998).

<sup>10</sup> Entrevista concedida a Pedro Bloch. Revista Manchete, nº 625. Rio de Janeiro, abril de 1964.

<sup>11</sup> Entrevista concedida a Pedro Bloch. Revista Manchete, nº 625. Rio de Janeiro, abril de 1964.

Em 1954, recebe o Prêmio Internacional da Paz na ex-URSS e é indicado ao Prêmio Nobel de Medicina. No mesmo ano, lança-se novamente candidato a Câmara Federal integrando o Movimento Popular Autonomista pelo PTB contra a Frente Democrática Pernambucana. Obtém uma votação expressiva de 14.076 votos, elegendo-se como o sétimo mais votado pela coligação (PTB, PST, PSD, PDC, PSP e PRP), fazendo dobradinha com Francisco Julião (líder da Ligas Camponesas), sendo o único candidato apoiado pelos Comunistas (Andrade, 1997).

Na sua campanha, formou comitês descentralizados nos bairros de Recife e no interior do Estado, além de fazer campanha em todos os sindicatos trabalhistas de Pernambuco, em torno de 51 sindicatos. Com esta campanha realizou seu programa de ação como Deputado e refletiu sobre sua decisão de lutar pelo poder. Como assinalou na sua “carta proposta” no livro “*Sete Palmas de Terra e um Caixão* (1965)”, que faltava participação popular no processo de decisão política do país, esta não participação dava-se pela bipolaridade da política brasileira: a esquerda mal organizada e a direita conservadora.

Neste primeiro mandato, iniciou uma investigação mais aproximada da realidade camponesa brasileira, das causas políticas das desigualdades. Além disso, observou de perto como funciona a política econômica brasileira de abastecimento alimentar. Três grandes temas permeiam a disputa de Josué de Castro na Câmara Federal: a Reforma Agrária, a causa das desigualdades no Nordeste e a distribuição de renda. Estes temas eram frequentes nos seus discursos e culminam no seu grande projeto – o Projeto de Segurança Alimentar, entendendo que a construção de uma política pública contra a fome estaria implicada numa distribuição de terra e de renda.

Em 1958, foi unanimidade na classe trabalhadora brasileira, reelegendo-se como deputado mais votado do Nordeste. Nesse segundo mandato, focou estratégias de ação na situação da seca no Nordeste e na proposta da criação da SUDENE (Melo, Wanderley, 2007).

Ao lado das atividades políticas nacionais, continuou atuando internacionalmente. Fundou em Paris, em 1957, a ASCOFAM – Associação Mundial de Combate a Fome – juntamente com o Abbé Pierre, da comunidade de Emmaús, e o Padre Joseph Lebret, entre outros. Integrou o grupo de Cidadãos do Mundo, juntamente com Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, dentre outras personalidades.

Em 1962, renunciou ao mandato de Deputado Federal, quando foi indicado a Embaixador do Brasil junto a ONU, em Genebra. Além disso, torna-se representante do Brasil no Conselho de Administração da Organização Internacional do Trabalho (OIT), e é indicado ao Nobel da Paz. Estas indicações davam-se pela campanha a favor do desarmamento e contra a bomba atômica, em prol da paz mundial e da diminuição da desigualdade social.

Nos anos 1960, Josué de Castro adquiriu maior notoriedade internacional, entretanto, perde projeção nacional com o Golpe de Militar de 1964, tendo seus direitos políticos cassados. Foi exilado em Paris e proibido de voltar para o Brasil por dez anos.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A breve apresentação da trajetória de vida de Josué de Castro foi fundamental para pontuar que foi um personagem envolvido na teia social de seu tempo: entre o processo de urbanização, o Estado Novo, processo de democratização e ditadura civil-militar. Viveu exatamente no seu tempo, pensou os mesmos problemas que afligiam a sua geração, observou os mesmo acontecimentos e fatos que os seus contemporâneos, mas, assimilou e sentiu suas próprias emoções como sujeito único e contribuiu de forma singular “por um mundo sem fome” (Elias, 1995).

Entretanto, Josué de Castro não alcançou essas contribuições, e sentia-se impotente diante da problemática da fome mundial. Julgava-se incapaz de persuadir as grandes forças econômicas, para que estas voltassem sua atenção para as desigualdades sociais que assolava o mundo. Essa foi mais uma



frustração somada a de não ter sido o escritor que sonhava. Essas frustrações estavam presentes como um interlocutor oculto com o qual discutia suas contradições, ideias e sentimento do mundo.

Para Mills (1965), tais frustrações só surgem no homem que se sente compelido a agir. Se este homem fala das questões públicas tais como as vê, não pode levar a sério os slogans e confusões usados pelos partidos como recurso para conquistar o poder. Sabe que suas ideias não se enquadram na política partidária e nas organizações ideologicamente contrárias às suas. Sente-se, portanto, politicamente irrelevante, e desviante de seus sonhos.

O fracasso do entusiasmo político de Josué de Castro tem sua correspondência no desenvolvimento de um sentimento trágico da vida. Esse sentimento surgiu do fato de saber que nos centros da decisão pública estão homens poderosos que não sofrem os resultados violentos de suas próprias decisões e de seus pensamentos. Estes pensamentos, para ele, seriam vagos, projetados para um Brasil que não existe de fato, sendo mais fácil lidar com este país irreal do que enfrentar a perturbadora questão: o Brasil é um país de famintos.

Este sentimento de desvio do seu projeto de mundo foi seu grande duelo. Ora, o conhecimento de sua posição social e as experiências pelas quais passou deveriam inevitavelmente o conduzir à atividade política, compreendendo que este seria o caminho de traduzir seu pensamento em ação. Ora, este desvio lhe amargava, devido ao fato de não ser o escritor que desejava e por não ter percebido as transformações de sua ação na realidade brasileira.

Desse modo, encontra-se em Josué de Castro duas fases. Uma primeira fase, que corresponde ao período de 1930-1940, em que não desenvolveu grande atuação política direta. Nesta fase, claramente identifica-se com o intelectual de Mannheim (1986), o intelectual de síntese que tinha como função orientar a classe política com o planejamento racional das suas atividades. A segunda fase, de 1946-1970, em que compreende que o papel do intelectual por si só é político, devendo lutar pelo poder com intuito de transformar a realidade social existente. O que evidencia as práticas de um intelectual gramsciano, comprometido com a emancipação humana (Gramsci, 1995).

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, M. C. (1997). O homem, o cientista e o seu tempo. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, vol.11, n. 29, jan./abril.
- Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1995). *Mozart: sociologia de um gênio*, 1995. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Filho, D. A. M. (2003). *Uma hermenêutica do ciclo do Caranguejo*. In. Josué de Castro e o Brasil. Manuel Correia de Andrade...[et ali], São Paulo, Fundação Perseu Abramo.
- Gramsci, A. (1985). *Os intelectuais e a organização da Cultura*. 5ed. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: civilização brasileira.
- Mannheim, K. (1986). *Ideologia e Utopia*. 4 ed., Rio de Janeiro: Guanabara.
- Melo, M. M., Wanderley, T. C. (Orgs). (2007). In. *Josué de Castro: perfil parlamentar*. Brasília: Câmara dos Deputados, 321p. (Perfil Parlamentar n.02)
- Mills, C. W. (1965). *A imaginação sociológica*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar.

Pernambucano, O. (1983), Josué de Castro, In: *Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro: Depoimentos*. Recife: Academia Pernambucana de Medicina/ UFPE.

Silva, T. E. M. (1998), *Josué de Castro: para uma poética da fome*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo [Tese de Doutorado]

Velho, Gilberto. (2006), Ciências sociais e biografia individual. *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 38, julho-dezembro.

#### BIBLIOGRAFIA CITADAS DE JOSUÉ DE CASTRO

CASTRO, Josué. (1932). *O Problema da Alimentação no Brasil: seu Estudo Fisiológico*. [Monografia para Livre-Docência em Fisiologia]. Recife: Faculdade de Medicina, 1932.

\_\_\_\_\_. (1936). *Alimentação e Raça*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

\_\_\_\_\_. (1937). *A Alimentação Brasileira À Luz da Geografia Humana*. Porto Alegre: Globo.

\_\_\_\_\_. (1938). *Fisiologia dos Tabus*. São Paulo: Melhoramentos/ Nestlé.

\_\_\_\_\_. (1939). *Geografia Humana: Estudo da Paisagem Cultural do Mundo*. Porto Alegre: Globo.

\_\_\_\_\_. (1946). *Geografia da fome: a fome no Brasil* Rio de Janeiro: O Cruzeiro.

\_\_\_\_\_. (1948). *Função Social das Universidades*. In: *Ensaio de Biologia Social*. São Paulo: Brasiliense (1957).

\_\_\_\_\_. (1951). *Geopolítica da Fome: Ensaio sobre os Problemas de Alimentação e de População do Mundo*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante Brasileiro.

\_\_\_\_\_. (1954). *A Cidade do Recife: Ensaio de Geografia Urbana*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil.

\_\_\_\_\_. (1955). *Os três Personagens*. Rio de Janeiro: Livraria Ed. Casa do estudante, 1955.

\_\_\_\_\_. (1957). *Documentário do Nordeste*. São Paulo: José Olympio.

\_\_\_\_\_. (1963). *Entrevista a Pedro Bloch*. Rio de Janeiro: Revista Manchete.

\_\_\_\_\_. (1965). *Sete Palmas de Terra e um Caixão: Ensaio sobre o Nordeste, Área Explosiva*. São Paulo: Brasiliense.

\_\_\_\_\_. (1968). *O Livro Negro da Fome*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense.

\_\_\_\_\_. (1971). *Estratégia do Desenvolvimento*. Lisboa: Seara Nova, 1971.

\_\_\_\_\_. (2001). *Homens e Caranguejos*. [Romance]. São Paulo: Brasiliense.